

## **PROPOSTAS METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA E LITERATURA\***

**Maria da Glória Bordini**  
Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul

**Vera Telxeira de Aguiar**  
Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

A situação crítica do ensino de Língua e Literatura tem sido suficientemente apontada e discutida em pesquisas, seminários, cursos, encontros de professores e no debate público em geral. Nessas ocasiões, verifica-se que o ponto nevrálgico da questão reside nas deficiências de domínio dos conteúdos, que se refletem no desempenho verbal e compreensivo dos alunos. Talvez a causa mais evidente desses fracassos na área de comunicação esteja na dificuldade de acesso às fontes de informação por parte dos professores. Contudo, a formação recebida nos cursos de Letras e nos de 2º Grau com terminação em Magistério, bem ou mal, propicia uma bagagem de conteúdos relacionados à língua e à literatura que deveria sustentar um ensino mais eficiente. Da mesma forma, o professor em exercício conta com vasta bibliografia para alimentar seus conhecimentos nessa área. Isso tudo, entretanto, parece não resolver a crise, pois, de posse de todas as referências necessárias, o professor vê-se desorientado quanto ao modo de organizar experiências a elas atinentes em sala de aula.

Segundo tudo indica, os problemas do ensino de Língua e Literatura não estão nos conteúdos a serem trabalhados, mas na maneira de apresentá-los. O que se percebe é que o professor se mostra freqüentemente incapaz de propor situações de aprendizagem significativas para o aluno. Desvincula o conteúdo da realidade próxima do mesmo, tornando-o artificial e compulsório. Exige de seu estudante apenas a assimilação acrítica do que é ensinado, o que redundará em atitudes mecânicas e passivas do alunado, certamente responsáveis pela perda de significação do seu aprendizado.

O esvaziamento do ensino de Língua e Literatura se acentua pela falta de uma proposta metodológica que o embase.

Pesquisa realizada nas diretrizes curriculares dos Estados da União revela um dado alarmante: apenas o Rio Grande do Sul, e mesmo assim num currículo por ora em testagem, define uma linha metodológica clara, o método científico<sup>1</sup>. Tendo em vista que essas diretrizes norteiam o processo ensino-aprendizagem, determinando planejamentos educacionais e prestações de contas correlativas, pode-se inferir que a atuação do professor em sala de aula peca pela falta de orientação metódica, o que explicaria boa parte dos problemas lingüísticos dos alunos.

O modelo de aula de Língua e Literatura atualmente em vigor na escola brasileira poderia ser descrito como uma seqüência de atividades mais ou menos estéticas, ditadas inclusive pelo próprio livro didático: apresentação de um texto, explicação do vocabulário, exercícios de interpretação, exercícios gramaticais, exposição de regras e composição. Tentativas de integração dos conteúdos lingüísticos e literários por vezes se fazem com a área de Artes Plásticas ou Música, resumidas, entretanto, a preenchimento do tempo útil do aluno, sem maiores vinculações com o que antes fora proposto.

A repetição continuada das mesmas tarefas não representa uma organicidade sistêmica do trabalho educacional. Uma vez que não há um projeto que as vincule entre si através de objetivos comuns, o que se observa é a fragmentação dos conhecimentos, a redundância excessiva de tópicos, e dispersão do processo de aprendizagem num círculo vicioso em que os mesmos conteúdos são permanentemente ensinados e nunca aprendidos.

É escusado salientar, portanto, a necessidade de uma metodologia que sirva de suporte para a prática escolar. Esta proporcionará resultados produtivos para o aluno na medida em que delimite, para si mesma, uma finalidade para o ato de aprender. Nesse sentido, todas as etapas do processo ensino-aprendizagem estariam voltadas para os fins últimos da educação, que dizem respeito ao tipo de homem que se pretende formar. Esse princípio norteador das experiências educativas seria a espinha dorsal de um metodologia, a qual se resume em um conjunto de atividades com um nexos sistemático entre si. Esse nexos seria dado pela intenção fundamental que é buscada pelas agências educativas.

A nível de finalidades da educação, o Brasil tem optado, em sua história, por duas doutrinas filosóficas, ambas importadas. A primeira e mais radicada na sociedade atual é a do positivismo comtiano, que se caracteriza por um determinismo voltado para as idéias de ordem e progresso social imobilistas.

A segunda se refere ao empirismo behaviorista, orientado por um pragmatismo que se nega à reflexão e à crítica, que en-deusa a tecnologia e o automatismo, o que conduz a um fazer imediatista, competente, mas alienado.

Essas duas tendências fundamentam o estado atual, já diagnosticado acima, de inércia e reprodução passiva de valores nas escolas brasileiras. Manipuladas por interesses ideológicos, elas sustentam o status quo, fazendo do professor um mero retransmissor do modelo social dominante ante seus alunos. Também se responsabilizam, no fundo, pela não valorização da importância dos métodos na organização das práticas em sala de aula. Escolher um método é posicionar-se criticamente ante o ensino que se deseja oferecer, situando-o dentro de uma finalidade explícita. Omitir-se ante essa exigência metodológica é conformar-se aos valores defendidos pela educação nacional em sua história, sem refletir sobre eles.

Considerando-se que numa sociedade pluralista transitam idéias divergentes e que é nessa divergência que se enraiza o aperfeiçoamento das instituições sociais, a proposta deste trabalho é de que se coloque à disposição dos professores de Língua e Literatura um acervo variado de métodos pedagógicos, que atendam a diferentes finalidades educacionais e múltiplas situações concretas de ensino-aprendizagem. O professor poderá, assim, escolher aquele que corresponderá melhor a suas intenções em termos de desempenho lingüístico do aluno no quadro maior de uma sociedade como ele a concebe.

Alguns desses métodos já circulam nos meios educacionais, tais como os que visam a desenvolver o potencial criativo ou de investigação científica dos alunos. Outros derivam-se de teorias da linguagem e se dirigem especificamente ao trabalho nessa área. Cada um deles preocupa-se em definir traços característicos de acordo com a teoria que o alicerça, bem como possui metas explícitas e bem diferenciadas. Não se pode negar, entretanto, que todos advêm de um posicionamento ideológico e filosófico comum, que diz respeito à visão última de educação que neles está implícita.

A concepção de educação que defendem está ligada à noção de transformação sócio-cultural, que só se viabiliza através de um ensino eminentemente voltado para a realidade do aluno, e que deseja alcançar, como dividendo final, uma postura crítica ante o mundo e a práxis social. Toda a atividade de Língua e Literatura deve, em consequência dessas premissas, resultar num fazer transformador: numa leitura em que o aluno descobre sentidos e os reelabora segundo aquilo que

ele é e o que pode ser e numa produção de textos em que ele se questiona e à realidade numa interação constante.

Se o que se deseja é mobilizar toda a bagagem cultural e vivencial do aluno, amplia-se aqui a noção de texto, como material privilegiado do ensino de Língua e Literatura. Texto será todo e qualquer objeto cultural, seja verbal ou não, em que está implícito o exercício de um código social para organizar sentidos através de alguma substância física. Portanto, cinema, televisão, vestuário, esportes, cozinha, moda, artesanato, jornais, livros, falas etc., integrarão o acervo sobre o qual se exercerá a atividade do estudante.

## O MÉTODO CIENTÍFICO

Como já se mencionou anteriormente, o método científico é muito difundido nas diversas áreas do conhecimento, sendo utilizado com frequência mesmo nas escolas de 1º e 2º Graus, sobretudo sob a forma de experimentação. Não é, nesse sentido, uma proposta inovadora para o ensino de Língua e Literatura, salvo como possibilidade de aproveitamento num campo de ciências humanas, tido como avesso à objetividade.

Se o método científico se configura como um conjunto de operações intelectuais e práticas, embasadas por um suporte teórico, para se alcançar determinada meta, todos os métodos sugeridos neste artigo para a pedagogia da Língua e da Literatura são científicos, porque se estruturam organicamente, segundo um princípio norteador e visam a atingir fins bem definidos. O método científico propriamente dito, entretanto, como é apresentado aqui, diz respeito à metodologia da pesquisa, orientada na procura do conhecimento objetivo. Privilegia, portanto, a ciência como uma forma especial de conhecimento da realidade, "conhecimento racional, reflexivo, sustentado numa lógica igualmente racional"<sup>2</sup>.

A origem do método de investigação científica situa-se nas contribuições dos antigos filósofos gregos, passando pelos escolásticos, até a moderna filosofia da ciência. A postura científica, tal como é concebida na atualidade, provém de Galileu, constituindo-se numa tarefa de confirmação de hipóteses, isto é, numa busca metódica de algo que já se supõe saber mentalmente o que seja.

O aprimoramento do método científico, através dos tempos, conduziu a um procedimento de trabalho que comporta os seguintes passos<sup>3</sup>:

- 1) postulação de modelo sustentado nas observações ou medidas experimentais;
- 2) verificação das predições deste modelo quanto às observações ou medições referidas;
- 3) substituição ou modificação do modelo conforme exigência das novas observações ou experimentações, retomando o primeiro passo de aplicação do método.

O comportamento científico abriga, em suas diferentes realizações, duas atitudes fundamentais: a dedutiva e a indutiva. A dedução consiste em se partir de um conjunto de proposições gerais fundadas em verdades universais, chegando-se a conclusões particulares por meio de regras e leis. O caminho indutivo é exatamente o inverso, pois permite conhecer, descobrir, descrever e prever os fenômenos para se alcançarem axiomas generalizantes.

Uma metodologia de ensino de Língua e Literatura, com base nesse método, concebe a sala de aula como um laboratório de experimentação e reflexão, em que as atividades se estruturam obedecendo às fases da pesquisa científica. As unidades desenvolvidas são organizadas como pequenos projetos elaborados pelos alunos, sob a orientação do professor. Tendo, como ponto de partida, a realidade lingüística e cultural do aluno, seus interesses e necessidades, o plano de ensino prevê a proposição de situações desafiadoras aos estudantes, que estimulem a investigação e o raciocínio na solução de problemas.

O resultado final será a produção, pelos alunos, de textos que revelem um desempenho lingüístico mais eficaz e uma maior perspicácia na leitura. Para se atingir tal meta, é necessário que se persigam objetivos, arranjados de forma graduada, para que o estudo da Língua e Literatura se efetue como prática científica de solução de problemas do sujeito em sua interação com o mundo através da linguagem. Tais objetivos, do ponto de vista do aluno, podem ser explicitados como:

- 1) Identificar problemas de Língua e Literatura relacionados com sua vivência em contato com diferentes objetos culturais.
- 2) Investigar possibilidades de solução desses problemas a partir do levantamento de alternativas.
- 3) Testar essas possibilidades de solução, tendo em conta sua adequação ao contexto.
- 4) Solucionar problemas, redimensionando seu campo de conhecimentos e, conseqüentemente, crescendo como ser humano.
- 5) Aplicar os conhecimentos adquiridos em novas situações.

O método científico de ensino de Língua e Literatura prevê, por conseguinte, não apenas a solução de problemas específicos, sistematicamente, mas é mais ambicioso: o importante é ver o mundo de maneira inteligente, tornando-se um indivíduo produtivo e atuante na sociedade. Resolvendo questões, o sujeito reequilibra seu universo criticamente, detectando outros problemas que desencadearão um novo processo de pesquisa.

As atividades são planejadas e desenvolvidas como etapas da investigação científica, quais sejam:

1) **Levantamento de dados.** Essa etapa diz respeito à conscientização do aluno quanto a sua realidade em termos de Língua e Literatura. Práticas como composições, relatos orais, entrevistas, leituras, visitas, jogos, etc., são seguidas de debates que permitem ao estudante perceber melhor seu desempenho e o de seu grupo, identificar problemas, interesses, dúvidas, necessidades. Todos os assuntos podem servir de suporte para uma aula de Língua e Literatura, assim como todos os textos, verbais ou não, são passíveis de estudo. O debate é provocado a partir do mais variado material e apenas um critério deve unificá-lo: a significância para a realidade do aluno. Essa atividade exploratória resulta em uma soma de dados que varia de acordo com a experiência e a capacidade dos "novos cientistas" de descobrirem subsídios importantes para a tarefa que se propõem.

2) **Estabelecimento do tema.** Os dados levantados constituem-se em material para a escolha do tema a ser estudado. Este será expresso em termos de um problema a solucionar, sob forma de pergunta. Poderá ser alguma dificuldade quanto ao uso oral ou escrito da Língua ou quanto à interpretação de textos vários. Como os dados partem do contexto do aluno, o problema será visto como um fato significativo e sua solução envolverá o grupo que o detectou.

3) **Formulação da hipótese.** Como "a hipótese é uma proposição que se faz na tentativa de verificar a validade da resposta existente para um problema"<sup>4</sup>, ela é sempre uma formulação provisória que deve ser testada para que se determine sua validade. De posse de um problema, o aluno vai dar a ele uma resposta provável. Esta tem o efeito duplo de funcionar como explicação para a questão inicial e de estimular a busca de outras informações que venham a comprová-la. Daí a importância da clareza da definição de seus termos.

4) **Justificativa da escolha do tema e da hipótese.** O tema deve ser justificado tendo-se em conta sua relação com o

mundo próximo do aluno, seus interesses e necessidades do momento e, ainda, com os problemas anteriormente equacionados, que propiciaram o levantamento de novas questões.

5) **Pesquisa de campo ou teórica.** As técnicas a serem empregadas para a investigação vão depender da natureza do problema a ser estudado e da hipótese que se quer confirmar. Os alunos podem realizar coletas bibliográficas, observações, questionários, entrevistas, formulários, testes. É importante, contudo, que esses instrumentos de pesquisa sejam cuidadosamente elaborados, embora simples, para suprirem as informações necessárias à solução do problema dentro da hipótese escolhida. Para isso, é preciso que os dados colhidos sejam objetivos e pertinentes.

6) **Análise dos dados.** Os dados obtidos com a aplicação dos instrumentos devem ser classificados e tabulados em termos de frequência e percentagem sobre o número de sujeitos/fontes consultados. O passo seguinte é a sua análise, tentando evidenciar as relações entre o objeto de estudo e outros fatores. No caso da Língua e da Literatura, pode-se, por exemplo, relacionar a incidência de um determinado uso a certos traços culturais (níveis de língua, preferências literárias, intenções do emissor, etc.).

7) **Correlação com a hipótese.** A resposta final ao problema proposto (tema) é cotejada com a formulação inicial, hipotética. Os alunos têm oportunidade, então, de verificarem a confirmação ou não da hipótese, discutindo as causas do acerto ou erro e posicionando-se sobre a atitude a ser tomada em novas situações semelhantes àquela que originou o problema.

8) **Conclusão.** A conclusão é uma exposição sobre o trabalho realizado, uma síntese das idéias principais e dos resultados obtidos, apontando-se sempre as questões que não foram resolvidas. Da mesma forma, é neste momento que se fazem inferências, enfatizando aspectos válidos e aplicáveis a outros casos e que se propõem outros problemas a serem investigados.

Para o êxito de uma metodologia de ensino da Língua e Literatura fundada na pesquisa científica é exigência primeira que todos os alunos participem do processo de investigação. Para que isso ocorra, algumas condições são fundamentais: a vinculação do assunto escolhido aos interesses imediatos dos estudantes, o conhecimento que os mesmos devem ter dos objetivos que movem a ação educacional, o domínio das eta-

pas a serem percorridas pelos elementos do grupo, o exercício de uma postura crítica em face dos conteúdos e do processo de abordagem dos mesmos, bem como da própria atuação e de seus companheiros na execução das tarefas.

Nesse sentido, é primordial que a avaliação, dentro do método, seja participativa, detendo-se tanto sobre o processo investigativo quanto sobre as soluções encontradas. Em termos de processo, convém observar a atitude do aluno constantemente, considerando seu comprometimento com a investigação, a coerência lógica de seus raciocínios, o rigor em suas observações, experiências, levantamento e registro de dados, sua capacidade de pensamento indutivo e/ou dedutivo a cada etapa. Quanto às condições atingidas, os indicadores básicos da avaliação se referem ao nível de relação entre os resultados e as hipóteses, à capacidade evidenciada de reflexão crítica e à sensibilidade demonstrada a novos questionamentos propulsores da continuidade do trabalho.

Privilegiando o pensamento científico, o método ora sugerido permite ao aluno desenvolver atitudes que caracterizam a ciência como conhecimento humano: observação, análise, generalização, sistematização, classificação, verificação, explicação. O educando passa a perceber que nada é absoluto, definitivo ou final, mas pode sempre ser questionado.

O exercício da indagação dá-se no intercâmbio social, uma vez que a tarefa científica "é um empreendimento comunitário"<sup>5</sup> por excelência, em que a sala de aula, como micro-laboratório, propicia a interação horizontal, entre os elementos da equipe que pesquisam e trocam experiências, e a interação vertical, entre a bagagem de conhecimentos adquiridos e as novas questões suscitadas. Os textos produzidos transformam-se em material a ser polemizado, gerando contínuas investigações que promovem a mudança de comportamento do aluno e, conseqüentemente, do grupo em que ele interage.

## O MÉTODO CRIATIVO

A ausência de diretividade, a ênfase sobre a livre expressão da subjetividade, o equilíbrio sempre instável entre formas culturais e fazer individual, o papel primordial do trabalho, todos esses traços delimitam a noção de criatividade no âmbito não só artístico, mas igualmente no pedagógico. Quando em educação se pensa no aluno como centro de sua própria aprendizagem, quando se propugna por um ensino não autoritário, facilmente se recorre à idéia de que, criando, os educandos

estarão a salvo das constrações do sistema tradicional de ensino e de seus interesses ideológicos.

A realidade, entretanto, costuma desmentir tais propósitos. Para a maioria das escolas e dos professores, ensino criativo ainda é mandar as crianças desenharem ou dramatizarem, cantarem ou modelarem, sem que se considere a organização de tais experiências de criação num sistema coerente com aquilo que se deseja que elas aprendam para a vida. Não é nesse sentido caricato que aqui se propõe uma metodologia criativa de ensino de Língua e Literatura. Tomando-se por princípio o fato de que todo o indivíduo humano nasce com um potencial para transformar a realidade, para descobrir nela configurações novas e para dar a essas descobertas formas ordenadas e singulares, que se acrescentam ao que preexistia para lhe enriquecer o sentido, deseja-se delinear uma possibilidade de trabalho criativo na escola, que mobilize o aluno como pessoa integral, com seus traços específicos de sensibilidade, cultura e consciência, capazes de levá-lo a postar-se ante a existência e de sua relação com ela extrair significados que revestirá de alguma substância material, onde tanto o mundo como a criança estarão presentes e ativos, beneficiando-se mutuamente dessa relação.

Entende-se, por criatividade, a operação que confere formas a certas interações estabelecidas entre o homem e seus mundos interno e externo, formas estas investidas de materialidade e que se produzem por um fazer em que participam indivíduo e cultura, consciente e inconsciente, sensibilidade e intelecto, espontaneidade e cálculo, impulso e disciplina. A proporção com que cada um desses elementos entra no processo criativo é variável e nem sempre mensurável, mas todos eles sempre estarão em trânsito quando se trata de criar. Qualquer metodologia pedagógica que se apóie nesse propósito deverá, portanto, levar em conta tais problemas, o que exigirá muita flexibilidade de técnicas e um agudo senso de observação dos sujeitos que deverão exercer tais habilidades, para que não se menospreze nenhum dos fatores que evidenciam.

Forma é "algo em si delimitado", "o modo como se configuram certas relações dentro de um contexto"<sup>6</sup>. Há que se perceber que não há criação onde não houver elementos reunidos, que geram entre si redes de relações, as quais os destacam do meio em que estão, constituindo uma entidade ordenada, com limites bem claros, a qual, por ter esses limites, pode estabelecer um diálogo com aquilo que ela não é: o que a cerca, o que está fora. Não há, portanto, criação sem um

meio que a propicie, e este meio é a cultura, herdada e continuamente transformada por novas criações. Ao contrário do que se costuma pensar, o criador não existe sem a História, nada há no seu fazer que não venha imbuído de outros fazeres, que se acumulam no tempo e que obrigam a uma constante vigilância, para ao mesmo tempo valer-se deles e mudá-los. O trabalho criativo não é individualista, mas individual, porque pertence só ao criador, já que ele é que o faz. Esse próprio fazer, de um lado, é orientado por tudo o que já se fez e pelos valores cultivados pela sociedade em que a pessoa vive; de outro, pelo inconsciente, cujos impulsos o criador não conhece, embora os perceba operando em seu trabalho.

Uma metodologia criativa para o ensino da Língua e Literatura precisa, em vista disso, atender a três fatores constituintes: a) o sujeito criador, com seu aparato cognitivo, afetivo e motor, em estágios nem sempre coordenados de maturação e equilíbrio; b) o processo de criação, resumido à captação de alguma carência ainda inexprimida, à busca desordenada de dados para recuperar o equilíbrio perdido, à elaboração interna desses dados, num nível não totalmente consciente, ao *insight*, percepção intuitiva das relações necessárias que dão forma a algo que suprirá a carência, e à elaboração material desse algo, orientada tanto pelo *insight* quanto pelo material empregado e por técnicas aprendidas ou adaptadas; c) o contexto cultural e histórico, onde tanto o criador, como o objeto em criação estão situados, e que predetermina comportamentos, modos de fazer e até de perceber, freqüentemente cegando o sujeito ou os seus pares para certas possibilidades de solução a que o processo criador aponta.

São objetivos educacionais de uma metodologia criativa para a Língua e a Literatura, considerando-se o aluno:

- 1) Estabelecer relações significativas entre componentes do eu e do mundo, em especial da cultura lingüística e literária.
- 2) Perceber potencialidades expressivas da língua e de outros meios de comunicação em relação ao eu e ao mundo.
- 3) Organizar as relações estabelecidas, valendo-se de códigos culturais, em especial do código lingüístico.
- 4) Materializar tais relações em linguagens diversas, com ênfase na verbal, produzindo textos bem formados.

Esses objetivos dão conta das necessidades de expressão sempre individualizadas do aluno, bem como permitem o progressivo amadurecimento de uma postura crítica e transforma-

dora ante a realidade, sem forçar a criança além de seus limites naturais. Seu ritmo pessoal, suas aspirações, gostos, angústias e convicções são respeitados e sua atividade de aprendizagem adquire a qualidade de vivência espontânea, buscada para satisfazer a uma necessidade real, não gerada pela instituição escolar. Por outro lado, a produção textual impede a dispersão das energias psíquicas e físicas investidas no processo, ao mesmo tempo que integra o aluno no mundo do trabalho, sem desfigurar a este, como habitualmente se faz, desvestindo-o de seu caráter de comprometimento com as necessidades humanas.

A metodologia inclui, para qualquer atividade, as seguintes etapas:

1) **Apreensão de uma carência.** Interesses, dúvidas, dificuldades com referência à expressão e à leitura desencadeiam certa tensão psíquica, fator indispensável para que haja motivação para a criação. Essas carências do sujeito ou do grupo são ponto de partida para o processo criativo.

2) **Coleta desordenada de dados.** Ante a carência percebida, surge a necessidade de suprimi-la. Através de observações, leituras, experiências, coleção, enfim, qualquer tipo de contato com a realidade, seja ele físico, intelectual ou afetivo, os alunos coletam dados em busca da superação da carência inicial, sem necessariamente obedecerem a alguma sistematização.

3) **Elaboração interna dos dados.** Esta etapa se processa sob a instância de uma pressão psicológica. Operando por vias inconscientes, a mente tenta acomodar os dados obtidos de forma a restabelecer o estado de equilíbrio rompido pela carência que inicia o processo. Necessita, dependendo da complexidade do fator desencadeante e do processo de elaboração requerido para suprimi-lo, de um lapso de tempo bastante considerável, embora a pressão externa possa acelerar o andamento.

4) **Insight.** Esta etapa independe do professor. Ocorre o *insight* quando todos os dados coletados, elaborados inconscientemente em grande parte, combinam-se numa configuração que surge à consciência já acabada e com força de presença que não pode mais ser ignorada pelo aluno.

5) **Elaboração material.** Consiste em dar substância física ao *insight*. Aqui entram todos os recursos ligados ao trabalho lingüístico e literário: a seleção do material exigido pela visão

interior (palavras e textos), o emprego de instrumentos adequados para o material escolhido (gramática, formas de abordagem dos textos), o conhecimento de técnicas já existentes de lidar com aquele material e instrumentos (tais como diálogo ou estudo de personagens, etc.), a execução por tentativa-e-erro, para encontrar a melhor solução para a forma intuída. Essa etapa usualmente termina com alguma produção textual, que, ao completar-se, em geral instiga o criador a outra produção, em que todo o processo se repete.

Essas etapas metodológicas, como se pode inferir, implicam um ensino atento a todos os alunos como individualidades não uniformizáveis. Se cada estudante é encarado como o executor de um projeto de criação só dele ou se os projetos são escolhidos pelos alunos em grupos, o método é exequível, bastando que se mantenha um fichário atualizado que registre todos os projetos e etapas em que se encontram.

Não é preciso mencionar a extrema flexibilidade que o processo de ensino tem de possuir para que essa metodologia se torne funcional. Nem alunos nem professor têm diante de si as estruturas sistemáticas da escola tradicional, hiperdiretivas, para encaminharem o ensino-aprendizagem.

A avaliação, dentro desta metodologia, é efetuada a dois níveis. O primeiro é o do processo de criação de cada aluno, observado diretamente e registrado em fichas ou indiretamente, pelos resultados apresentados em cada etapa. O professor poderá dar-se por satisfeito se o aluno é capaz de discernir elementos de sua realidade que tenham relação com a carência que ele deseja suprimir e reordena esses elementos, transpondo para elas funções que só venham a ter no contexto em que os reuniu.

O segundo nível está no texto produzido pelo aluno, que pode ser qualquer objeto, atividade, ou conjunto articulado de frases, em que se medem, referindo-se à carência inicial, as seguintes ocorrências: a) eficácia expressiva, entendida como forma que comunique sentidos, verbalizáveis ou não, mas identificáveis pelo receptor do objeto pelo menos com as suas carências pessoais; b) domínio técnico, revelado pela pesquisa e prática de técnicas funcionais em relação ao material escolhido e ao projeto elegido; c) inovação formal, ou seja, um acréscimo em relação ao já conhecido pelo aluno, mas derivado do próprio processo de criação e da familiaridade com o material utilizado e técnicas adotadas. Esse critério de inovação não deve ser tomado como principal. Importa muito mais a efetiva participação no processo criativo.

O método criativo apresenta a vantagem de encarar o aluno como indivíduo e ser social simultaneamente, sem atrofia de sua sensibilidade, nem supervalorização de sua capacidade de raciocínio lógico. Proporciona o exercício da intuição como forma imediata de conhecimento do mundo, bem como as habilidades de analisar, comparar, combinar, classificar e ordenar, efetuar inferências e, principalmente, extrapolações, vinculando essas operações intelectuais à ação física e à prática social, nos produtos criados. Uma sala de aula em que se adote o método criativo é um lugar de efervescência e trabalho, em que necessidades pessoais e coletivas estão sempre emergindo e buscando formas concretas de satisfação. A idéia de projeto criativo implica para a ação educacional a tarefa de incitar à transformação de modo que o aluno se veja sempre solicitado a postar-se criticamente ante a realidade e a movimentar recursos próprios e alheios para ajustá-la a si e à sociedade que ele sonha.

## MÉTODO RECEPCIONAL

A estética da recepção funda-se na hermenêutica filosófica que investiga a relação texto e leitor, percebendo sua interação a partir da lógica da pergunta e resposta. O texto é, nessa perspectiva, a resposta a uma questão, ou ainda, o leitor percebe no texto aqueles aspectos que se referem ao seu mundo. Mas o texto também propõe questões, cabendo ao leitor encontrar as respostas. Na relação dialética que se estabelece está o círculo hermenêutico. Dessa forma, compreender um texto é compreender as questões para as quais o texto dá a resposta, encontrar o horizonte de questões. Contudo "questões e respostas de uma época dada constituem para mim, de alguma forma, um novo texto que, de sua parte, responde às minhas questões"<sup>7</sup>. Do confronto do horizonte de questões históricas com o horizonte de questões do leitor emerge a noção de "fusão de horizontes".

Os estudos literários, apossando-se dos princípios básicos da estética da recepção, partem da noção de "horizonte de expectativa" como soma de comportamentos, conhecimentos e idéias com que a obra se depara no momento de sua criação e segundo a qual ela é medida. O novo texto pode satisfazer o horizonte de expectativas do público ou provocar sua alteração em maior ou menor grau. A distância entre a expectativa dos leitores e sua realização, denominada de "distância estética", vai determinar o valor artístico da obra. Como o horizonte de expectativas se altera, a distância estética também o faz: uma obra que, em determinado momento, surpreendeu pela novidade, pode não interessar aos leitores futuros. Por outro la-

do, as grandes obras são aquelas que, em cada atualização, provocam o leitor, formulando novas questões.

Levantar o horizonte de expectativas de uma obra em dado momento histórico é descobrir o conjunto de questões para o qual o texto é a resposta. Por sua vez, não fornecendo respostas acabadas, o texto propõe questões. Estabelece-se, assim, a distância estética entre as expectativas do público, de um lado, e as respostas da obra e suas perguntas desafiadoras, do outro. Daí decorre a função do texto literário, que é a de renovar a percepção estética, uma vez que a atitude do leitor não é apenas reprodutiva, mas produtiva.

A teoria recepcional, portanto, valoriza o papel ativo do leitor na recepção, pensando o fenômeno social da comunicação estética. Acentua a função particular desempenhada pela literatura na sociedade pelo seu caráter emancipatório, que abre novas perspectivas ao leitor, não apenas no âmbito da experiência estética, mas da existência como ela pode ser vivida.

A aplicação da estética recepcional à pedagogia de Língua e Literatura prevê a transferência dos pressupostos teóricos já citados à prática escolar da linguagem. Assim como se reflete sobre o fenômeno literário sob a ótica do leitor como elemento atuante do processo, o método recepcional de ensino funda-se na atitude participativa do aluno em contato com os diferentes textos. Partindo do horizonte de expectativas do grupo, em termos de interesses lingüísticos e literários, determinados por suas vivências anteriores, o professor provoca situações que propiciem o questionamento desse horizonte. Tal atitude implica um distanciamento do estudante, uma vez que revisa criticamente seu próprio comportamento, redundando na ruptura do horizonte de expectativas e seu conseqüente alargamento. Com o ajustamento a essa nova situação, o passo seguinte é a oferta pelo professor de diferentes práticas lingüísticas e diferentes leituras que, por se oporem às experiências anteriores, problematizam o aluno, incitando-o a refletir e instaurando a mudança através de um processo contínuo. Como o sujeito é entendido como um ser social, sua transformação implica a alteração de comportamento de todo o grupo, atingindo a escola e a comunidade.

O sucesso do método recepcional no ensino de Língua e Literatura é assegurado na medida em que seus objetivos com relação ao aluno sejam alcançados, a saber:

- 1) Produzir textos e efetuar leituras compreensivas e críticas,

- 2) Ser receptivo a novos textos e a leituras de outros.
- 3) Questionar a produção de textos e as leituras efetuadas em relação a seu próprio horizonte cultural.
- 4) Perceber diferenças em textos literários e não literários.
- 5) Transformar os próprios horizontes de expectativas, bem como os do professor, da escola, da comunidade familiar e social.

A transformação do horizonte de expectativas do estudante, meta maior deste método, é conquista gradativa e continuada que depende, como se pode observar, da operacionalização de alguns conceitos básicos: receptividade, disponibilidade de aceitação do novo, do diferente, do inusitado; questionamento, revisão de usos, necessidades, interesses, idéias; ruptura, ação ocasionada pelo distanciamento crítico de seu próprio horizonte cultural; assimilação, percepção e adoção de novos sentidos integrados ao universo vivencial do indivíduo.

As estratégias de ensino de Língua e Literatura previstas e elaboradas com base no método recepcional organizam-se em três fases que se sucedem:

- 1) **Sondagem do horizonte de expectativas.** Primeira etapa do trabalho, constitui-se no desenvolvimento de atividades motivadas pela realidade próxima do aluno, visando ao atendimento de suas expectativas imediatas. A dinâmica da sala de aula sustenta-se, em termos de Língua, pela produção de textos reveladores do comportamento lingüístico habitual do aluno e, no espaço da Literatura, pela expressão de interesses e hábitos de ler satisfeitos, neste momento, pela efetiva leitura dos textos esperados.

- 2) **Questionamento do horizonte.** As possibilidades culturais do aluno quanto a seu desempenho lingüístico e exercício de leitura são adentradas criticamente, na medida em que se propõem novos textos, contrastantes com os anteriormente produzidos e lidos, em termos de linguagem e idéias. Estabelece-se, então, o debate sobre a diferenciação do material que o aluno manipula, considerando-se eficácia estética e comunicativa. Eficácia estética é entendida como representação da realidade, valores e recursos de representações adotados. Para a eficácia comunicativa, leva-se em conta a quantidade e a qualidade da informação que os textos oferecerem, em nível de riqueza, sistematização e fluência.

- 3) **Revisão do horizonte.** O questionamento provoca a ruptura do horizonte cultural do alunado e a expansão deste horizonte supõe uma atitude mais exigente quanto ao desem-



penho lingüístico e à prática da leitura. Promove-se, neste momento, a busca de um novo material de leitura que atenda às exigências crescentes dos estudantes. Paralelamente, seu comportamento lingüístico é comprovado pela elaboração de novos textos. Por fim, o cotejo com as leituras e produções anteriores, bem como com os debates realizados, propicia uma visão mais ampla da realidade vivenciada e o alargamento de horizontes do aluno.

O método recepcional de ensino de Língua e Literatura enfatiza a comparação entre o familiar e o novo, entre o próximo e o distante no tempo e no espaço. Por conseguinte, são sempre cotejados textos que pertencem ao arsenal de leitura e produção do grupo com outros textos, documentos de outras épocas, regiões e classes sociais, em diferentes níveis de língua e abordando temáticas variadas. O processo de trabalho apóia-se no debate constante, em todas as suas formas: oral e escrito; consigo mesmo, com os colegas, com o professor e com os membros da comunidade. A materialização desse constante fazer presentifica-se na produção de textos pelo estudante, os quais passam a tomar parte do acervo a ser questionado. Desenvolvem-se, assim, as noções de herança e participação histórico-cultural. O método é, portanto, eminentemente social ao pensar o sujeito em constante interação com os demais, através do debate, e ao atentar para a atuação do aluno como sujeito da História.

Os critérios de avaliação a serem empregados pelo professor, tendo em mira os princípios que dirigem o método recepcional, abrangem a dinâmica do processo e o produto elaborado pelo aluno. No desenvolver dos trabalhos, este deve evidenciar capacidade de comparar e contrastar todas as atividades realizadas, questionando sua própria atuação e a de seu grupo. A resposta final deve ser a criação de um texto mais eficaz que o primeiro em comunicatividade e uma leitura mais exigente que a inicial em termos estéticos e ideológicos.

Como a eficácia comunicativa é definida aqui como riqueza, sistematização e fluência da informação, alguns requisitos são básicos para que o aluno atinja tal estágio de atuação. O primeiro aspecto se refere à quantidade e à qualidade das informações que o sujeito recebe, implicando a necessidade de o professor estar preparado para selecionar textos que, partindo da realidade do aluno, venham a romper com ela. O segundo aponta para a importância do desenvolvimento da capacidade reflexiva sobre a linguagem e os fatores estruturais desse material por parte dos alunos. Dessa forma, com o aprimoramento da leitura numa percepção estética e ideológica mais aguda e

com a visão crítica sobre sua atuação e a de seu grupo, o aluno torna-se agente da aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade do processo, num constante alargamento cultural e social.

## O MÉTODO COMUNICACIONAL

A moderna preocupação com as questões relacionadas à linguagem tem originado uma ênfase característica aos aspectos lingüísticos das manifestações humanas em geral. Afinal, a linguagem "é uma constituinte da cultura, mas no conjunto dos fenômenos culturais funciona como sua subestrutura, base e meio universal"<sup>9</sup>. Adquirindo foros de modelo de organização dos relacionamentos do homem com o mundo, a linguagem tem sido um dos objetivos de estudo mais constante e minucioso neste século, não só por parte de lingüistas, mas de filósofos e antropólogos. Dessa colaboração interdisciplinar, surgiram diversas teorias sobre os sistemas de estruturação da linguagem e muitas tentativas de torná-los homólogos a outras formas culturais, como as econômicas e psicológicas, por exemplo.

Essa tendência à valorização da linguagem também se refletiu no sistema educacional brasileiro, por ocasião da Reforma de 1971, quando o ensino de Língua e Literatura foi direcionado para as formas mais amplas e genéricas de Comunicação e Expressão. Entretanto, o que se observou foi uma assimilação apenas aparente das proposições da Lingüística contemporânea, com a utilização dos indefectíveis esquemas do ato comunicativo em toda a sorte de livros didáticos, sem que se aproveitassem as efetivas contribuições das investigações lingüísticas e semiológicas para o ensino, que continuou a se fazer pelas vias gramaticais tradicionais.

O método comunicacional pretende resgatar esse sentido amplo do entendimento da linguagem como molde e descrição do fazer e do pensar humanos, deixando em aberto a discussão do lugar prioritário que lhe tem sido conferido como forma de conhecimento e de práxis. Importam mais, aqui, aqueles aspectos das teorias lingüísticas que explicam as trocas comunicativas, sejam verbais ou não, como um circuito intra, inter ou transpessoal, sistêmico e carregado de intenções e pressuposições, em que os participantes atuam uns sobre os outros segundo regras sempre explicitáveis, mas vinculadas à circunstância em que estão. Esse tipo de abordagem permite alargar o âmbito do ensino de Língua e Literatura para além das necessidades acadêmicas, religando-o com seu contexto maior, o da sociedade e da História.

O ato comunicativo tem sido descrito<sup>10</sup> como uma relação entre no mínimo um falante ou emissor e um ouvinte ou receptor, relação esta que se traduz por uma mensagem (ou texto, no sentido antes explicitado) transmitida de um para outro. Para que a transmissão seja possível, deve haver em comum, entre emissores e receptores, um contexto, ao qual a mensagem se refere, e um código que todos dominem, além de um canal de contato entre eles. Cada um desses fatores exerce uma função, de modo que o ato comunicativo possui ênfases, embora sempre inclua todas as funções correspondentes a seus componentes. Assim, quando a atenção se centra no emissor, tem-se a função emotiva ou expressiva; quando o receptor é o pólo da atenção, surge a função conativa, representada lingüisticamente pelas estruturas interrogativas e imperativas; quando o contexto é o merecedor da atenção, dá-se a função referencial ou denotativa, voltada para o conhecer daquilo que está fora do processo de comunicação. A essas três funções básicas se aliam outras três: a fática, orientada para o canal de contato, para verificar se este está funcionando ou para mantê-lo em funcionamento; a metalingüística, dirigida para o código em uso, para se saber se emissor e receptor estão empregando o mesmo sistema de codificação e decodificação; e a poética, que tende para a mensagem, salientando seus signos ou elementos.

Um ensino de Língua e Literatura que se deseja abrangente deve, a partir desses fatores da comunicação, estudar o lado expressivo das produções textuais do aluno, tanto quanto o seu teor referencial, as tentativas de modificar o outro, implícitas na função conativa, as verificações metalingüísticas (do tipo "Você quer dizer o quê com 'vamos cair fora?'"), as expressões fáticas, tais como "tudo legal?", "como vai você?", bem como — especificamente no ensino de Literatura — os modos de concentrar a atenção sobre os signos, nos textos ficcionais. Isso implica abandonar o modelo gramatical, no ensino da Língua (que se concentra apenas na função metalingüística) e também exigir que o estudo de textos literários deixe de se ocupar com idéias principais e secundárias, acepção de vocábulos e outras práticas usualmente adotadas.

São objetivos dessa metodologia comunicacional, tendo-se em vista os pressupostos já mencionados e focalizando-se o aluno:

- 1) Reconhecer os diferentes textos (ou mensagens) como meios de comunicação social.
- 2) Identificar as regras do jogo da comunicação como fatores de organização da atuação humana em sociedade.

- 3) Analisar e correlacionar elementos e funções do processo comunicativo, tendo em mente seus reflexos sobre a vida social e cultural.
- 4) Realizar o processo comunicativo com eficácia.

Esses objetivos servem para orientar o trabalho de ensino-aprendizagem em sala de aula no sentido de desvesti-lo da carga de artificialidade que a natureza acadêmica da educação escolar lhe confere, ao mesmo tempo que, conscientizando o aluno do maior número possível de implicações dos jogos comunicativos estabelecidos em classe, o capacitam a percebê-los e manejá-los em outras situações de comunicação na vida não escolar.

Os procedimentos para a aplicação do método comunicacional se ordenam nas seguintes etapas:

1) **Contato com textos múltiplos e diversificados.** O aluno é estimulado a produzir toda a sorte de textos, bem como recebe outros tantos textos alheios, veiculados em linguagens não verbais e também verbalmente. Uma aula pode partir de um projeto de produzir um abaixo-assinado, reivindicando algum interesse dos alunos e pode estender-se ao exame da resposta obtida, depois relacionada com outros tipos de reivindicações da sociedade no momento (sindicalistas, de minorias) e das reações despertadas, evidentes em noticiários de televisão, jornal, revistas, livros de literatura, etc. Nessa etapa, o importante é que os textos produzidos e recebidos exibam linguagens diferentes.

2) **Análise dos elementos do jogo comunicativo.** Os textos produzidos e/ou recebidos são debatidos ou estudados por equipes ou individualmente, utilizando-se técnicas variadas de organização da discussão na sala de aula, destacando-se os componentes desses textos, quais sejam: o emissor e suas pressuposições e intenções; o receptor, suas pressuposições e intenções; o canal e as dificuldades de contato inerentes a ele; o código empregado para organizar os signos do texto e suas restrições; o texto ou mensagem em si e suas características (evidentemente, é a partir desse fator que quase todos os outros são percebidos); e o contexto, implícito ou explícito, com suas circunstâncias específicas. Todos esses componentes são pensados no seu aspecto interativo, não isoladamente, de modo a não esvaziar ou reduzir o objeto em discussão, qual seja, o ato comunicativo como um complexo de ações e reações significantes.

3) **Cotejo de textos produzidos e/ou recebidos quanto à predominância de funções lingüísticas.** Os textos, nesta etapa,

Já analisados em termos de componentes, têm a função dessas componentes verificada, de modo a estabelecer-se o tipo de texto, e portanto as suas intenções, manifestas ou encobertas, a partir da predominância funcional de um dos elementos. A comparação entre textos diversos proporciona a evidência das funções emotiva, conativa, fática, metalingüística, poética e referencial, permitindo diferenciar e traçar a especificidade de cada produção. Podem ser cotejados um discurso político, uma propaganda de revista ou televisão, uma narrativa ficcional até com objetos culturais como um filme, uma enxada, um batom, um hamburguer, de modo a tornarem-se explícitas as suas funções no circuito de trocas comunicativas de um grupo social ou comunidade.

4) **Produção de novos textos considerando funções dentro do jogo comunicativo.** Nessa etapa final, o aluno é solicitado a produzir textos levando em conta as regras do jogo comunicativo e manejando os signos conforme a função lingüística que deseja enfatizar. Para essa nova produção, situações de sua vivência cotidiana devem ser o estímulo de necessidade de o ato de comunicação. Cumpre salientar a necessidade de que, tanto a situação inicial, da etapa 1, quanto a final, não podem ser impostas pelo professor, o qual precisa estar atento às condições propícias entre seu grupo de estudantes para suscitar as atividades propostas.

A avaliação dos resultados obtidos através deste método cumpre-se ao longo das etapas sugeridas, considerando-se comportamentos satisfatórios os que manifestarem capacidade de receber e de produzir textos em linguagens variadas, discriminando as diferenças e particularidades de cada tipo, bem como a capacidade analítica de aproximar ou diferenciar textos segundo seus componentes e suas funções respectivas. Quanto aos textos produzidos, sejam comunicativos no sentido expressivo, cognitivo ou interpretativo, convém verificar-se neles a existência de uma ou mais funções lingüísticas predominantes, mas especialmente a sua eficácia comunicativa, pelo domínio do código utilizado e de todos os demais elementos da situação de comunicação.

O método comunicacional, como se pode depreender, é aplicável a circunstâncias de ensino de Língua ou de Literatura as mais variadas, uma vez que esgota todos os fatores do texto e do contexto e suas inter-relações. Sua adoção não significa dar preferência à ciência lingüística, nem ao desenvolvimento de habilidades meramente analíticas. Não se deve esquecer que o próprio conceito de comunicação supõe interação e perspicácia quanto aos sentidos postos em circulação

no meio social. O estudante que tenha se apropriado do complexo de fatores envolvidos no processo comunicativo está mais à vontade e mais senhor de seus atos na vida prática do que aquele formado de acordo com os métodos tradicionais.

## O MÉTODO SEMIOLÓGICO

Esta metodologia propõe que o ensino de Língua e Literatura se transforme numa prática cotidiana de intercâmbio e coexistência de valores diferenciados, que elegem a linguagem verbal ou outras linguagens como veículos de circulação. Compreende a sociedade como um conjunto de vozes, atitudes e ações individualizadas e pessoalizadas, que sem embargo podem conviver mesmo na dissonância e nas contradições, alimentando-se justamente dos desvios.

Seus pressupostos estão numa teoria de origem marxista, a qual defende a idéia de que a linguagem humana é um produto eminentemente social, aprendido ao contato com os outros seres humanos e portador dos valores das diversas classes da sociedade. Desse ponto de vista, a linguagem dá conta ao mesmo tempo da individualidade do falante, de seus interesses e projetos pessoais, e da coletividade à qual ele pertence historicamente, que constrói formas de articulação dos signos para garantir as trocas significativas requeridas para a manutenção dos vínculos sociais.

Para essa teoria, os signos de qualquer espécie (não apenas os verbais) correspondem a uma intenção, seja do falante ou da coletividade e, nesse sentido, são sempre ideológicas, manipulam a realidade que significam. A apreensão desse sentido, carregado de ideologia, se dá no interagir social. Não há, portanto, um repertório de signos e uma gramática para combiná-los que sejam inatos e neutros. As intenções das vozes que falam determinam um entrejogo de interesses que acolhe posições tanto discordantes quanto concordantes nos diversos grupos sociais e até mesmo dentro de um só grupo, constituindo-se essa tessitura de significações interessadas o que se convencionou denominar de "polifonia"<sup>11</sup>. A polifonia implica a presença da voz do outro, da fala alheia, quer implícita ou explícita, no discurso do eu, de tal forma que se torna condição para que o próprio sujeito se reconheça como esse "eu". O ambiente natural da linguagem, assim, é o diálogo, constituindo-se o monólogo como uma tentativa de apagar da consciência a necessidade da existência do outro para que essa consciência venha a se autoperceber.

Concepção anti-individualista por excelência, sem todavia cair no totalitarismo coletivista, que também seria uma forma

monológica de voz social, essa teoria fundamenta uma metodologia para o ensino de Língua e de Literatura que acentua o papel dialético da linguagem na sociedade, enquanto preservação dos saberes e proposição de mudanças, enquanto ação transformadora e conservadora. O ensino lingüístico e literário, dentro dessa modalidade pedagógica, compreende toda a multiplicidade de produções culturais, tanto do presente como do passado, levando em conta que as formas prestigiadas não passam de instrumentos de poder da elite dominante. É um ensino que traz para a sala de aula a efetiva efervescência dos entroschões clássicos, sem procurar pasteurizá-lo, como é hábito na escola brasileira, e valendo-se dela para instrumentalizar o aluno a ocupar um lugar ativo e crítico na sua comunidade.

Os objetivos do método, levando em consideração esse plurilingüismo, podem ser formulados como segue, sempre do ponto de vista do aluno:

- 1) Identificar a diversidade de textos na vida social.
- 2) Adquirir as normas intencionais do jogo semiológico, posicionando-se criticamente ante elas.
- 3) Perceber a realização diversa das regras pelos diferentes sujeitos produtores de signos.
- 4) Captar as intenções dos textos que transitam no meio social.
- 5) Participar do jogo social acrescentando a ele novos textos significativos.

Esses objetivos dão conta de problemas tais como as diferentes variedades e registros lingüísticos e gêneros e estilos literários, a intencionalidade dos discursos, encoberta pela unicidade do sistema de combinação (gramatical) dos signos, os aparelhos de poder dos segmentos dominadores dentro de grupos e classes sociais, manifestados especialmente pela assimilação e esvaziamento dos discursos desviantes. O estudante é instrumentalizado, assim, a mover-se com olhos críticos nesse meio contraditório que é a cultura das sociedades burguesas.

Essas finalidades cumprem-se através de procedimentos seqüenciais, que tratam de incentivar o aluno a não se comportar passivamente ante o jogo semiológico da sociedade. As etapas são as seguintes:

- 1) Contato com textos múltiplos e diversos quanto a linguagem e temática. Isso significa expor o estudante a toda espécie de produções culturais, desde artigos manufaturados

até obras literárias ou artísticas em geral. As formas de exposição devem prever a disponibilidade de tais textos na comunidade restrita ou ampla em que o aluno está inserido.

2) **Aquisição das regras do jogo semiológico intencional.** Através da observação e análise dos textos apresentados, o aluno procura discernir os modos de combinação dos signos empregados e a proporção em que tais modos revelam interesses de grupos da comunidade. Assim, o ensino de gramática dentro do padrão culto da língua é visto como um meio, imposto de cima para baixo, de subjugar e reprimir a diferença e a oposição. Também as obras literárias são compreendidas na sua plurissignificação, estabelecendo-se os limites em que servem a fins ideológicos ou até onde os contrariam.

3) **Análise das intenções dos textos em termos de conformação e emancipação.** Nesta etapa, o cotejo entre textos diversos, cujos códigos semiológicos já estão conscientizados, permite ao aluno discriminar posicionamentos sociais múltiplos, partindo do parâmetro definidor da ideologia como distorção do conhecimento verdadeiro para fins pragmáticas e políticas. Tanto em textos lingüísticos como literários, o nível semiológico é analisado no sentido de se perceber até que ponto as intenções dos produtores manipulam a representação da realidade a fim de defender privilégios. Os alunos são levados, a partir desse critério, a conscientizar o uso ideológico dos signos culturais, que os induzem a conformar-se com o **status quo**, acriticamente.

4) **Análise da interação dos sujeitos com os textos.** Aqui o aluno, valendo-se dos conhecimentos obtidos nas etapas anteriores, é conduzido a manifestar sua relação com os signos e suas intenções, percebendo-se como sujeito de uma leitura criadora, que contribui para a constituição do universo de sentidos que cada texto cultural apresenta, tanto quanto o produtor, na medida em que percebe lacunas e as preenche com aquilo que ele é. Também se torna ciente de que os textos não são objetos acabados e imóveis, mas passíveis de transformações segundo as necessidades de cada época e de cada indivíduo. Essa etapa dessacraliza o texto, retirando-o do pedestal em que as elites culturais costumam entronizá-lo.

5) **Produção de novos textos.** Em todas essas etapas, ou então apenas nesta final, o aluno revela o domínio das capacidades visadas pelo processo de ensino através de textos dos quais ele é o sujeito. Essa produção tem o sentido de requerer dele um constante redimensionamento de seu papel no ambiente social, passando de consumidor a produtor e vice-versa,

para se familiarizar com ambos os lados do trabalho produtivo, o que o faria mais responsável em relação a sua atuação prática.

Os meios de avaliação do aprendizado do aluno têm de focalizar tanto o processo de produção quanto os produtos resultantes. No primeiro caso, o professor acompanha a atividade individual ou grupal e verifica se o aluno aceita os textos dos outros colegas ou de outrem, exercendo um pensamento crítico e não simplesmente conformando-se ao que lhe é oferecido para consumo. Igualmente quanto ao processo, é aconselhável buscar indícios de que os estudantes estão discernindo sua função social enquanto produtores dos textos de sua cultura, assumindo, pois, as conseqüências daquilo que juntam ao acervo social comum. Quanto aos produtos obtidos, poder-se-á examinar a eficácia do manejo das regras do jogo semiológico intencional, a alteração crítica dessas regras em termos de atuação social produtiva e a capacidade de criar novos sistemas de sentido a partir das necessidades captadas no interior dos agrupamentos sociais maiores ou menores.

Através deste método semiológico, o ensino de Língua e Literatura pode assumir foros de trabalho de transformação social, gerando cidadãos conscientes de sua situação de sujeitos da História de seu povo e desmistificando as relações do sujeito com o grupo social, em três níveis de abrangência: primeiro, encarando os textos como objetos culturais passíveis de manipulação, análise e desvendamento de intenções; segundo, desapropriando à escola seu papel de mantenedora da cultura das classes dominantes; terceiro, conscientizando o sujeito de sua participação ativa no fazer histórico.

### CONDIÇÕES PARA A APLICAÇÃO DOS MÉTODOS SUGERIDOS

A adoção de um método pedagógico supõe que se optou por uma linha filosófica de educação. Essa escolha determina todo o processo de ensino-aprendizagem, orientando-o para um certo tipo de aluno que se prevê formar. As metodologias aqui propostas resultam em ações educacionais distintas, que consideram a diversidade possível de alunos e situações escolares.

As filosofias em que se fundamentam os métodos sugeridos revelam uma preocupação humanística comum, embora impliquem posturas particulares adaptáveis ao aqui-e-agora das salas de aula. A simples operacionalização de cada método não assegura uma prática educativa exitosa. É conveniente que o professor se aperceba das vantagens e desvantagens que po-

derão advir da sua aplicação. A interpretação docente precisa munir-se de certas precauções, de modo a que os resultados obtidos não desfigurem os valores buscados no processo de ensino.

O método científico gera alunos voltados para a realidade enquanto objeto de investigação e experimentação, o que redundará em indivíduos comprometidos e reflexivos em relação ao mundo em que vivem. Contudo, este método pode satisfazer à ideologia tecnicista da sociedade contemporânea, em que a produção de bens culturais se faz com vistas ao lucro e à reificação dos possíveis beneficiários. Por conseguinte, é mister que a ação educacional esteja atenta para suscitar um posicionamento crítico e ético ante o que se descobre e suas aplicações, promovendo a divulgação do conhecimento como um patrimônio comunitário.

O método criativo origina estudantes que manipulam a realidade intuitivamente, para modificá-la. Assistemático por excelência, privilegia a espontaneidade e a liberdade de ação. Em vista disso, seu risco maior está na redução ao individualismo, no fechamento no próprio projeto e seu produto. É importante, assim, que se promovam situações em que o aluno se conscientize de sua dependência da cultura recebida e dos vínculos que o ligam ao meio social, que provê significações a serem retrabalhadas para se configurarem em criações originais.

O método recepcional provoca a formação de alunos que não temem a ruptura com o estabelecido, questionadores constantes e flexíveis em termos de ajustamentos sociais. Ao romper com as estruturas vigentes, pode acontecer que venham a minimizar o passado ou reproduzi-lo em termos de clichês culturais. É necessário, neste caso, que lhes sejam propiciadas atividades em que mobilizam o acervo de conhecimentos herdados que possuem, com o fim de efetuarem sempre o relacionamento entre o horizonte anterior e o conquistado no presente.

O método comunicacional produz sujeitos capazes de perceber a vida como um jogo de comunicações, em que circulam mensagens emitidas com certas intenções, recebidas através de um filtro também intencional, em que influenciam o canal, o código e o contexto a que estão vinculadas. Por tratar-se de um método sobretudo classificatório, sua aplicação pode incidir em atividades mecânicas sobre o esquema teórico, isolado da prática comunicativa global. Para evitar-se esse esvaziamento, devem-se considerar todos os elementos analisados no contexto significativo da vivência social do aluno.

O método semiológico resulta em alunos com uma visão pluralista da realidade, capazes de discernir os jogos ideológicos dos aparelhos de manutenção das estruturas de poder. Reduzindo-se tudo ao ideológico, entretanto, omite-se a importância da concretude de cada ato social na sua circunstancialidade, bem como a pluralidade de posições possíveis no seio da comunidade. Insistindo-se na percepção da dialética das relações humanas, elimina-se a ameaça de um posicionamento maniqueísta e redutor.

Se o trabalho educativo, desprovido de uma orientação metodológica deságua num ensino caótico e ineficiente, por outro lado a utilização de um método definido não afiança o sucesso do ensino da Língua e Literatura na escola brasileira. A aplicação passiva de qualquer método, sem se levar em conta as condições circunstanciais da sala de aula, ou a excessiva preocupação com técnicas desvinculadas dos conteúdos que lhes devem servir de suporte, burocratizam o ensino, determinando sua perda de significação ante o alunado.

O professor deve, por conseguinte, conjugar três princípios básicos na sua atuação diante dos alunos, a fim de garantir a eficiência dos métodos: em primeiro lugar, precisa conhecer a sua classe em termos de expectativas, interesses, necessidades e aptidões; em segundo, deve dominar suficientemente os fundamentos do método que eleger como mais adequado aos propósitos de seu grupo de alunos; finalmente, é necessário que tenha bem nítida a finalidade educacional que o move. Só assim a tarefa educativa poderá contribuir para o aperfeiçoamento do potencial lingüístico e cultural dos alunos como meio de transformação da sociedade.

#### NOTAS

\* Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa sobre metodologias alternativas para o ensino de literatura, aprovado e financiado pelo MEC/SESU/PADES.

- (1) AGUIAR, Vera Teixeira da. A leitura na escola: uma análise das normas curriculares. Anais da II Conferência Brasileira de Educação, Belo Horizonte, ANDE/ANPEG/UFMG, 1982.
- (2) FERRARI, Afonso Trujillo. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1982, p. 12.
- (3) FERRARI, op. cit. p. 47.
- (4) Cf. MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de pesquisa. São Paulo, Atlas, 1982, p. 26.
- (5) SELLNEZ et alii. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo, EPU, 1974.
- (6) OSTROWER, Fava. Criatividade e processos de criação. Rio de Janeiro, Imago, 1977, p. 78-9.

- (7) ROTHE, Arnold. O papel do leitor na crítica alemã contemporânea. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, FUCRS, 13 (39): 7-18.
- (8) JAUSE, Hans Robert. La historia literaria como desafio a la ciencia literaria. In: *La actual ciencia literaria alemana*. Salamanca, Anaya, 1971, p. 89.
- (9) JAKOBSON, Roman. *Lingüística, Poética, Cinema*. São Paulo, Cultrix, 1969, p. 123-129.
- (10) "Esta pluralidade social do signo ideológico é um traço de maior importância. Na verdade, é este entrecruzamento dos índices de valor que torna o signo vivo e móvel, capaz de evoluir." BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1978, p. 82.